

TRASH

CONTOS E POEMAS SOBRE O FIM DO MUNDO



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

Através do céu, por Alessandro Mathera, pág. 05
O fim do mundo em instantes, por Ana Martins, pág. 10
A gênese da aniquilação, por Carol Peace, pág. 12
Amor zumbi: o fim dos tempos, por G. M. DHOSS, pág. 18
Pela primeira vez em muito tempo, eu estava sorrindo, por Giuliano Zanchi, pág. 23
O homem que não morria, por Ney Alencar, pág. 29
Espaço tempos, por Noel Rosa de Castro, pág. 33
Tigre Branco, por Roberto Minadeo, pág. 37
Que m...!, por Roberto Schima, pág. 44
Conheça outros títulos da coleção, pág. 52

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura
www.facebook.com/conexaoliteratura





Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas...

— Sun Tzu



APRESENTAMOS O CONTO
ATRAVÉS DO CÉU

Por Alessandro Mathera

Sobre o autor: Alessandro Mathera é formado em escrita profissional, criativa e de contos, e já teve suas histórias publicadas em diversas antologias temáticas. Também é servidor público na área de tecnologia da informação.

Eu consegui desarmar e desviar a rota de um míssil nuclear com o Járngræipr, as luvas de ferro de Thor. Foram suficientes para eu fazer isso com segurança. O problema é que tive de pular do míssil e estou em queda livre acima do Canal da Mancha! Se eu escapar dessa nunca mais reclamo de uma segunda-feira tediosa como foi hoje mais cedo.

Como eu entrei nessa furada? Tudo começou algumas horas atrás na minha casa no Rio de Janeiro pouco depois de assistir ao noticiário noturno.

* * *

Chega de televisão por hoje, eu pensei. Desliguei a mesma e fui ao quarto para trocar de roupa mas a luz avermelhada de alerta do Oráculo por baixo da porta fez eu mudar meus planos.

— Muito bem, Oráculo, hoje é segunda-feira. Qual emergência nós teremos de resolver?

— Impedir a Terceira Guerra Mundial — responde a voz vinda da esfera de diamante, antes vermelha, agora quase translúcida.

— Mas o noticiário nada falou sobre novas tensões ou conflitos. O que houve para isso acontecer?

— Rudolf Hess simulou o próprio suicídio hoje mais cedo apenas para fugir da prisão e levar adiante seus planos de vingança contra as quatro potências aliadas.

— Eu vi a notícia sobre a morte dele mas não dei a devida atenção. Já devia esperar isso de mais um nazista místico como ele. O que vamos fazer?

— Temos de ir para Baikonur na União Soviética, Guardiã — quem me responde desta vez é o Campeão que chegou sorrateiro como sempre. Mesmo com dois metros de altura e asas ele ainda é um tigre.

— Não é de lá que são lançados os foguetes do programa espacial russo?

— Sim, e também é de lá que Rudolf Hess pretende executar seu plano.

— Então, vamos partir. Oráculo tenha a gentileza.

* * *

Num breve clarão estamos dentro das instalações de Baikonur. Seguimos até a central de lançamentos enquanto o Oráculo explica o que o nazista pretende fazer.

— Rudolf Hess capturou a alma de Alan Turing para que este manipule o supercomputador Elbrus-3 e assuma o controle de disparo de mísseis nucleares.

— Quais os alvos?

— Londres, Paris e Washington.

— Ou seja, ele quer dar o primeiro tiro para forçar o revide.

— Exatamente, mas não somente isso. Precisamos nos apressar.

Eu apenas ouço o som dos mísseis alçando os céus e seus rastros.

— Droga! Ele já lançou! Vamos Guardiã! — o Campeão nos apressa e avança mais rápido que eu.

Quando chego à sala de lançamento, o velho nazista está imobilizado pelo Campeão enquanto o espectro da alma de Alan Turing parece agonizar de dor. Eu aponto o Oráculo para ele.

— Liberte-se nobre cientista. Vá e descanse merecidamente.

O espectro para de se contorcer, olha para mim e sorri em gratidão antes de evanescer. Volto minhas atenções para Rudolf Hess.

— Quanto a você, já que oficialmente está morto, nós vamos tratar de garantir que isso seja verdade.

As chamas que saem do Oráculo o consomem em segundos não lhe dando chance sequer de gritar.

— E agora Oráculo como vamos deter esses mísseis?

— Primeiro você precisa do armamento correto. Estenda sua outra mão.

Faço o que ele diz e aparece um par de luvas de ferro.

— Estas são o Járngreipr, as luvas de ferro de Thor. Elas vão te proteger e guiar até os mecanismos que desarmam o míssil que está indo a Paris. O Campeão vai cuidar de

Londres e eu sigo até Washington. Só preciso do feitiço de voo e depois nos teleporto para cada arma.

— Certo, mas e depois como eu volto para terra firme? — pergunto vestindo as luvas.

— Isso fica por minha conta — responde o Campeão.

Com tal resposta firme eu apenas ajo.

— *Volant per pugna!*

O Oráculo flutua da minha mão e o lampejo de luz nos envolve.

* * *

Quando cessa o clarão eu descubro que estou montada no míssil nuclear e que as luvas realmente funcionam como o Oráculo disse. Elas me dão força suficiente para me segurar, me protegem do frio e ainda me guiam até os mecanismos que preciso desligar.

Por fim, eu salto do míssil.

E foi assim que fui parar nesta situação.

Quando penso que vou me arrebentar no mar eu vejo um brilho laranja através do céu: é o Campeão!

Ele me resgata em plena queda com o máximo de cuidado e seguimos voando até o litoral do norte da França. Pouco depois também retorna o Oráculo para a minha mão enquanto o JárnGREIPR evanesce.

— Você demorou Campeão.

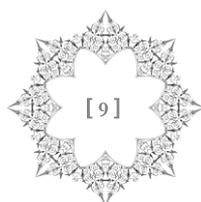
— Digamos que é mais difícil remover o detonador com garras e presas do que mãos, Guardiã.

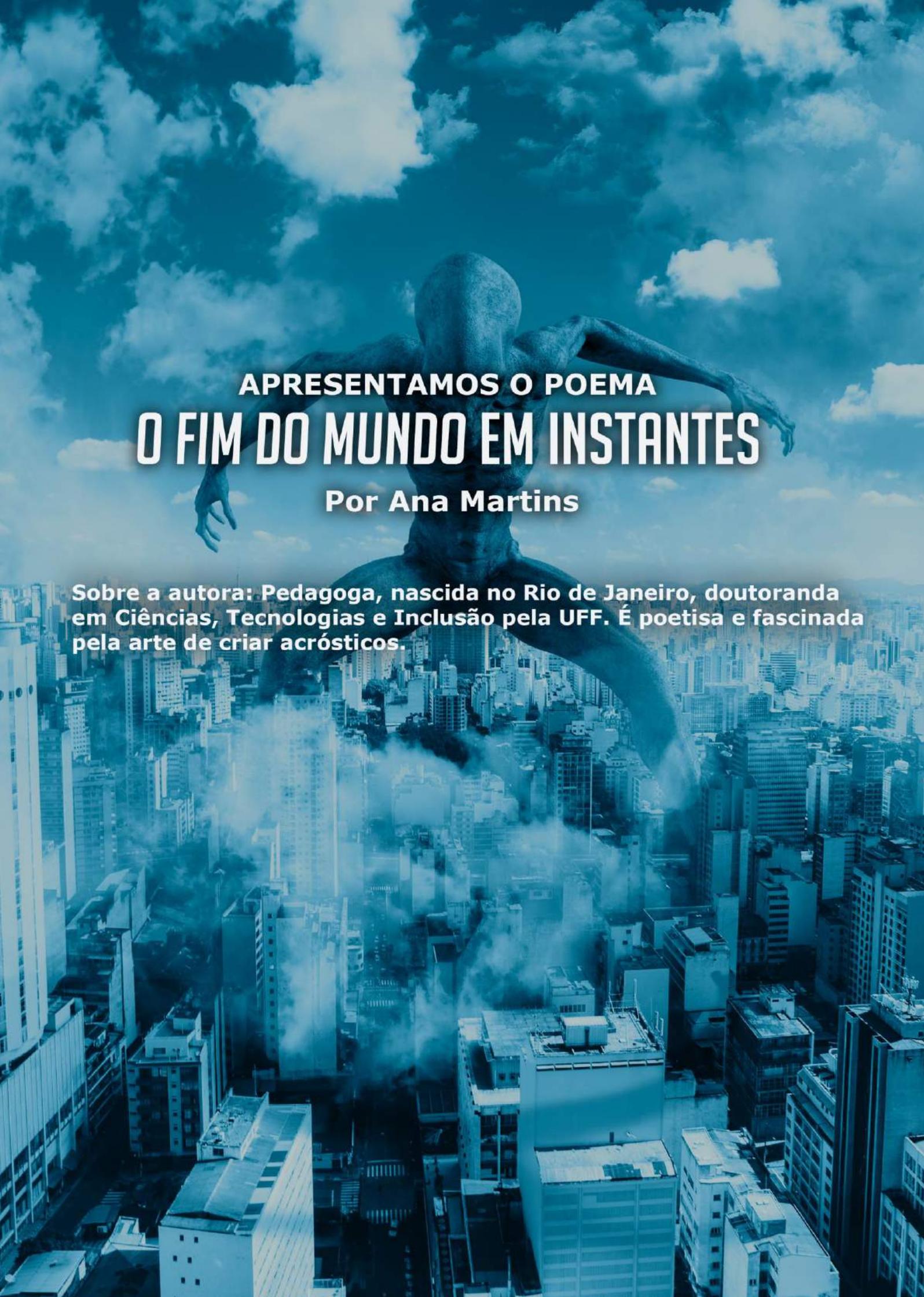
Ambos caímos na gargalhada.

— Certo, mas nunca mais me deixe assustada assim. Eu gosto de voar com você, não de saltar no céu.

— Mas, como diz a música, eu te encontrei no meio do caminho. Agora vamos voar para sua casa, Alice, e chegar lá de volta antes do seu filho voltar da faculdade.

— Céus! Eu tinha esquecido isso! Vamos depressa! Através do céu!





APRESENTAMOS O POEMA
O FIM DO MUNDO EM INSTANTES

Por Ana Martins

Sobre a autora: Pedagoga, nascida no Rio de Janeiro, doutoranda em Ciências, Tecnologias e Inclusão pela UFF. É poetisa e fascinada pela arte de criar acrósticos.

Instantes antes do primeiro respiro

Não piores como os átimos que precedem o último suspiro

São conectados por milhares de outros instantes

Tão incertos, tão confusos, tão igualmente apavorantes e fascinantes

Antecedem o primeiro passo e sucedem o primeiro *não* da mamãe querida

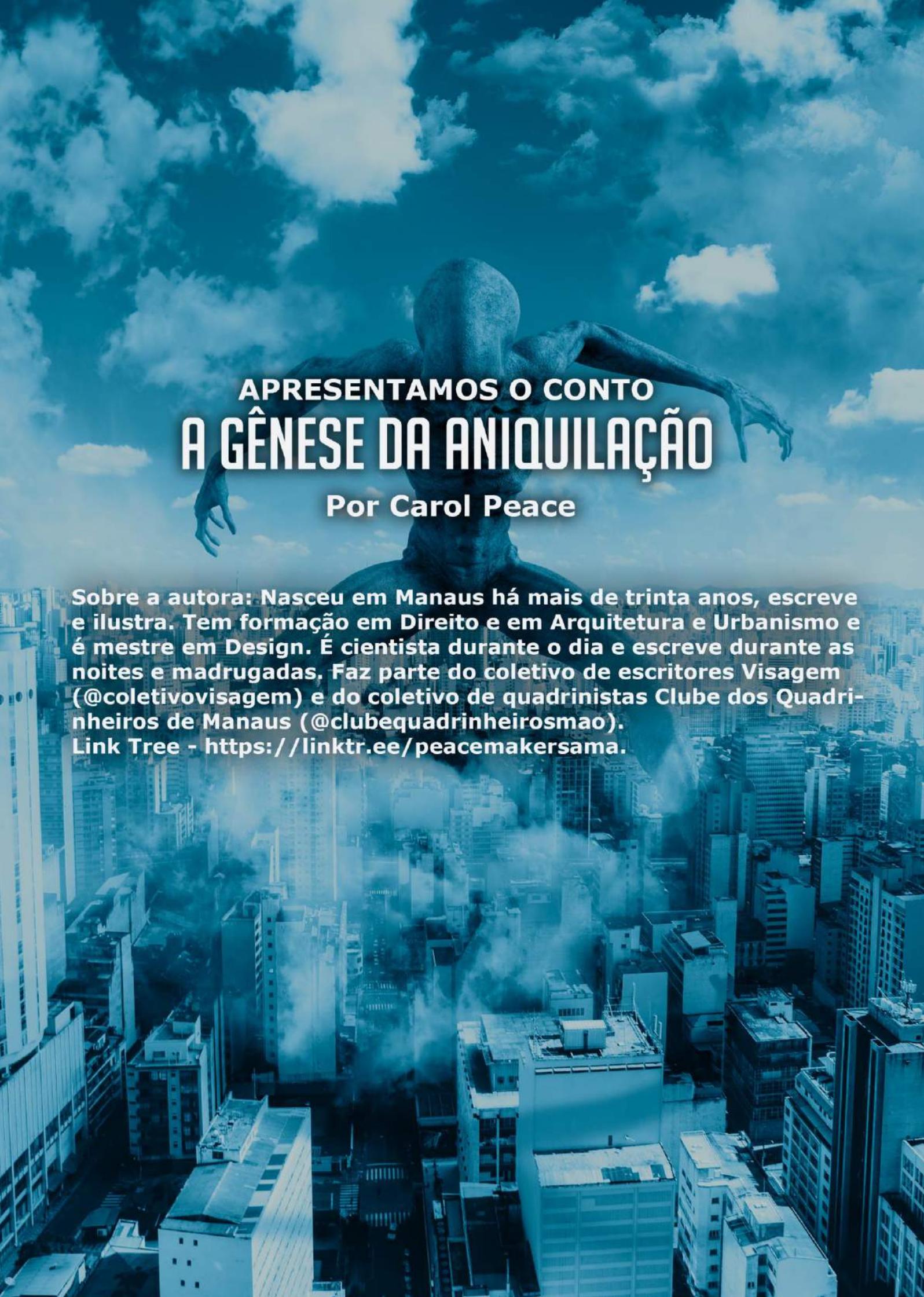
Nada diferente para o primeiro beijo e a balada perdida

Tantos intermináveis átimos que arrebatam o chão e o poder

Exprimindo cada *fim do mundo* que é preciso viver

São, porém, só instantes...





APRESENTAMOS O CONTO
A GÊNESE DA ANIQUILAÇÃO

Por Carol Peace

Sobre a autora: Nasceu em Manaus há mais de trinta anos, escreve e ilustra. Tem formação em Direito e em Arquitetura e Urbanismo e é mestre em Design. É cientista durante o dia e escreve durante as noites e madrugadas. Faz parte do coletivo de escritores Visagem (@coletivovisagem) e do coletivo de quadrinistas Clube dos Quadrinheiros de Manaus (@clubequadrinheirosmao). Link Tree - <https://linktr.ee/peacemakersama>.

E *no início tudo era o nada e o nada era tudo.* Bem-vindo ao primeiro dia da Era da Extinção, o preambular dia dos últimos tempos. O silêncio da natureza foi subitamente interrompido por batidas rítmicas: *Tum. Tum. Tum.* Como um compassado coração; a melodia foi progredindo em decibéis e em força, logo as árvores chacoalharam e os animais irromperam descontrolados; era sinal de perigo e seus instintos jamais os enganariam. Eles pressentiam o sinistro vindouro em toda sua intensa ansiedade.

Tum. Tum. Tum. A imensa criatura estava lá, quase acima das nuvens, em sua carapaça negra de escamas com ígneas pontas; mostrando as presas douradas, brilhantes como o Sol, a criatura abriu a boca num rugido ensurdecedor; os animais da floresta correram para salvarem as próprias vidas, como resultado de tão grave brado. De cada lado da cabeça reptiliana colossal, três olhos se abriram; um brilho bruxuleante amarelado coloriu-os um a um, terminando por conceder à criatura uma aparência ainda mais terrível. As patas traseiras mantinham a criatura semiereta sobre a floresta enquanto as dianteiras, soltas do solo, eram dotadas de três longas garras, com carapaça crocodiliana, de escamas negras com pontas douradas. Aquele, por certo, era o rei de todos os animais. À humanidade não cabia mais o reinado; este era, agora, do assombro que despertara do fundo da terra.

A monstruosidade começou a correr sobre a mata fechada, derrubando tudo em seu caminho. No topo da encosta a que chegara, observou a cidade erguida à fronteira distância; podia sentir o aglomerado de criaturas pequenas e de pedras que não eram naturais: a cidade e a humanidade que a engenhara com tanto afinco... As coisas diminutas que ele sequer conseguia perceber. Ele rosou longamente, *um chamado de guerra* ainda que ninguém pudesse compreendê-lo, era a primeira trombeta sendo tocada; o convite para o *Armagedom*. Ele desceu escorando-se à parede descampada, para chegar até aquele lugar alienígena.

Mais um grito ensurdecedor rompeu o ar o aviso de toda a destruição: ora, não era como se com tais avisos tornassem possível a fuga da desgraça a incidir, em breve, sobre todos eles. *Do terrível ao absoluto*, o pior dos temores, a soma de todos os soturnos terrores que apavoram a humanidade em pesadelos. “Isso nunca irá acontecer”. “Isso não é possível”. Frases desconexas de entes completamente absorvidos em um marasmo desatento aos presságios de que a terra *realmente* os quer erradicados de sua face. Os sinais sempre estiveram prontos para serem vistos, todavia a tolice humana é tamanha ao

ponto de nem mesmo a terra conseguir falar a nenhuma alma sequer. Não era uma conquista; *era aniquilação*. A cidade já estava sob suas patas e ele conhecia seu destino: estava ali para reestabelecer o equilíbrio que tinha sido desfeito por conta da patética existência dessas criaturas bípedes, que mal entendiam o real significado de *sobreviver*.

As pequenas criaturas corriam desesperadamente, gritando e apontando para seu terror, como se com isso fosse possível destruí-lo. *O que são dedos apontados contra um deus?* São apenas súplicas infantis de um povo sufocado, sem qualquer chance de escapar de seu extermínio. O monstro continuou a pisar sobre as estreitas ruas em meio à intensa comoção; eram choros de dor, a sinfonia de vidros quebrados, a excelente trilha sonora da apresentação teatral da destruição provocada por ele.

O rumo era passar diretamente pelo centro da cidade, esmagar tudo a sua frente e avisar: *esse é o princípio do fim*. O pavor era nítido; o monstro agarrou um naco de prédio e um humano permanecia agarrado à estrutura, gritando e se debatendo. Ele jogou a coisa para longe, para aumentar o pânico de todos os residentes da cidade. Estilhaços, pedaços de concreto e vidro voavam por todos os lados. O horrendo ser ouviu um barulho novo, algo que até então jamais experimentara. Olhou o que vinha até ele, um aparato metálico, de asas que circulavam em torno de um eixo; um helicóptero – para ele era praticamente um inseto. Tomado pela cólera, a criatura agitou uma das patas, acertando a máquina voadora, enviando-a aos giros até atingir o prédio mais próximo. O estrondo derrubou a estrutura num único lance, levantando uma densa nuvem de poeira.

Ele rugiu, triunfante, e continuou o caminho de destruição. Agora, estava ainda mais furioso e partiu para destruir a edificação branca mais próxima. O prédio era coberto por janelas espelhadas, com ao menos oito andares, sob altos pilotis. A marca de cruz vermelha mostrava se tratar de um centro de saúde, *os humanos prezavam hospitais de forma quase doentia*. Ele gritou ainda mais alto, quebrando todas as janelas e revelando pessoas correndo por dentro da construção. Passou por cima, pisando sobre a estrutura, afundando toda a arquitetura no chão, com um forte estampido. Tudo estava ruindo ao redor, as explosões vermelhas intensas davam um tom de inferno a toda cena. O monstro tornou a produzir uma alta oclusão, fazendo com que muitos carros tivessem os alarmes disparados, numa confusão infinita de sons porcosamente cadenciados. Seres começaram a pular das janelas dos prédios, outros estavam ajoelhados ao chão, clamando por milagres impossíveis. Crianças choravam desconsoladas, sozinhas no meio da carnificina e do pó erguido após cada prédio implodido pela força do ataque destrutivo.

Cada passo era pelo aniquilamento, pela extirpação do câncer destrutivo sobre a Terra. E, com isso, continuou até chegar à ponte. Em seu intenso vermelho incandescente, era impossível desviar o olhar da aparelhagem metálica formadora da estrada suspensa. Carros circulavam sobre ela, como se nada estivesse acontecendo ali. Ele bramiu sobre a ponte; o som emitido foi forte ao ponto de os cabos começarem a soltar-se, chicoteando os carros que por ela passavam. As pessoas tentavam fugir, mas o movimento dos cabos terminava por cortá-las, fazendo com que caíssem no chão, mortalmente feridas. Ele continuou a espalhar a destruição, puxando com as garras a ponte para baixo, quebrando o resto da estrutura reforçada de concreto, que estalou várias vezes até se romper num enorme pedaço que, ao bater na água, causou uma imensa onda, virando várias embarcações próximas à estrutura mista de conexão.

A pintura apocalíptica era surreal: carros revirados, fogo, prédios derrubados e restos de humanos espalhados por todos os lados. As sirenes não estavam só marcando o tremor de terra, elas também sinalizavam o fim de uma cidade cuja grandiosidade sempre inspirava todos. Bem, não *todos*, porque a criatura não podia se importar menos com a suntuosidade da quimera produzida pelo homem.

Mesmo com a densa escuridão noturna tomando o céu, as pessoas continuavam tentando fugir da cidade, enquanto ele seguia adiante, um passo pesado de cada vez, para chegar até a próxima área densamente povoada. Os sons notívagos eram apenas as vozes do silêncio, o clamor do medo dos minúsculos seres que fingiam estar ausentes, na esperança de salvarem-se nessa noite. *Ah, como se o silêncio fosse salvá-las agora!*

O monstro rugiu novamente e dessa vez sua boca acendeu-se em dourado. Várias aeronaves sobrevoavam sua zona de destruição e, como resposta, ele atingiu a primeira revoada com sua luminosidade amarela. Ele olhou para baixo e viu as pessoas correndo por baixo de suas patas. Um passo, *um passo* apenas, era o suficiente para fazer todas essas criaturas asininas sucumbirem.

Seguiu mais a frente, em algum momento encontraria o centro de gerência dessa cidade. Tal qual uma célula biológica, os humanos se organizavam sempre ao redor de seus mandatários, como pequenos vírus. O gigante rumou para o centro, pisoteando as coisas em seu caminho sem qualquer cerimônia; *um passo, várias mortes; outro passo, total calamidade!*

Rugiu como aviso do próximo evento. Agitou um das garras e derrubou o prédio mais alto a sua frente. Com isso, foi recebido com uma saraivada de tiros, na direção de

sua titânica cabeça. As balas ricocheteavam sobre a dura pele mas, eventualmente, algumas atingiram seus olhos, fazendo com que o monstro urrasse, furiosamente. Continuavam atirando nele, todavia nem mesmo essa tola coragem seria suficiente para salvá-los do fim.

Mesmo assim, ele continuou atacando a cidade, mostrando seus intentos destrutivos. Ele já não conseguia sentir as patas traseiras, tremendamente feridas pelos ataques. Seus olhos estavam turvos e a dor era intensa. Ele, porém, *sabia* que ainda havia *a arma final*. Continuará a destruir até os símios perceberem que somente sua destruição final iria ser capaz de pará-lo. Rugiu mais uma vez, quebrando todos os vidros que permaneciam intactos. Arrancou um pedaço do prédio mais próximo e jogou-o contra os tanques próximos aos seus pés. As explosões eram a sinfonia da derrota humana, apenas um mau muito pior poderia ser capaz de destruí-lo.

As sirenes tocaram, avisando a cidade inteira da próxima decisão, aquela das mais terríveis. O som durou por longos segundos, os soldados começaram a sair dos postos e pessoas corriam por todos os lados. Era chegada a hora, o momento pelo qual ele esperava desde quando fora desperto de seu sonho. Devolver o que havia sido tomado da terra, o pó retornaria ao pó. Os átomos das estrelas voltariam ao seu estado natural. Não restaria pedra sobre pedra, apenas o pó reinaria soberano sobre a terra.

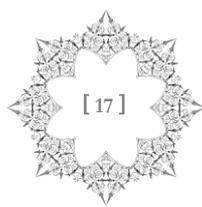
A bomba explodiu antes de tocar o chão. A nuvem enorme, um cogumelo de energia infinita varreu toda a cidade. A grandeza da implosão foi suficiente para apagar todas as cidades próximas, causou a morte de mais milhares de humanos e fez o monstro finalmente descansar. O choque surdo no chão, nada inteiro fora capaz de escapar, restavam apenas escombros poucos, a imensa cratera e um resquício ínfimo da carcaça titânica estendida no chão.

E tudo era sem forma e vazio, apenas o nada imperava ali. *Havia possibilidade de vitória do homem contra a própria Terra?* Não, esse era o começo da derrota, o início da erradicação da raça humana. A morte não havia sido em vão, era a demonstração do quanto à humanidade estava ressequida em seus desejos cruéis. A queda estava próxima, não era possível parar o relógio do apocalipse.

Não muito tempo depois da queda do primeiro, o segundo se ergueu. O segundo de muitos outros, dos cavaleiros a marchar pelo caminho sem nome, os arautos da condenação, os inquisidores da encegurrada humanidade... O julgamento já era findo:

agora era a liquidação da sentença final. Para a humanidade firmada no caos, a única solução era... *Extinção*.

E no princípio não havia nada - essa é a mesma conclusão reservada para todos os habitantes desse pequeno planeta. *Fez-se luz*.





APRESENTAMOS O CONTO
AMOR ZUMBI: O FIM DOS TEMPOS

Por G. M. DHOSS

Sobre o autor: G. M. Dhoss é pseudônimo de Gilberto Mendes dos Santos, servidor público, escritor, nascido em Juranda, PR, no dia 10 de junho de 1968, formado em Economia e Direito pela UFMT. O autor possui dois romances de terror (MALDITOS e A CASA QUE NUNCA ACENDEU) e quatro obras de contos do mesmo gênero publicados na Amazon. Recentemente, seu conto "Comentário a respeito de Alice" foi escolhido para a antologia Contos e Poemas Assombrosos, organizado por Ademir Pascale. Nas horas vagas, dedica-se à leitura, escrita, e a assistir filmes e séries na televisão ou em streaming. Os gêneros preferidos são os filmes de terror, suspense e ação.

Na primeira vez que pratiquei musculação, fui acometido por um maldito ataque epilético. Na segunda vez, saiu a notícia de que um miserável *serial killer* estava matando pessoas que faziam academia. Na terceira vez, o mundo foi acometido por uma diabólica pandemia. Coincidência ou não? eu me perguntava. O que aconteceria se voltasse a praticar musculação? A terceira guerra mundial? A destruição do Planeta Terra por um Cometa? Uma invasão por extraterrestres determinados a eliminar toda forma de vida na face da Terra?

Durante muito tempo uma dúvida pairava sobre minha psique: voltar ou não a praticar musculação. Vislumbrar que o destino da humanidade estava em minhas mãos, soava um absurdo incomensurável. Eu não podia guardar em minhas palmas tamanho poder e responsabilidade. Presumir que o destino de todos os homens, mulheres e crianças dependiam de uma simples matrícula numa academia para me exercitar nas máquinas adutoras e abductoras, cadeiras extensoras, mesas flexoras, dentre outros, soava diabolicamente surreal. Não, não podia ser verdade.

Na primeira vez que matriculei não durou mais que duas semanas minha estadia na academia. Num macabro dia, despertei com a cabeça latejando e algumas pessoas ao meu redor, falando algumas coisas que eu não compreendia e me olhando com uma expressão de enorme espanto. Depois daquele maldito dia, por medo de que aquela desgraça acontecesse novamente e me causasse algum acidente fatal, desisti de praticar exercícios em uma academia. Meu desejo de forjar meu corpo nos moldes de Sylvester Stallone e Schwarzenegger estava suspenso.

Passados alguns anos, após meu médico me assegurar que estava curado da epilepsia, me matriculei novamente numa academia. Um ano depois, a imprensa noticiou um crime praticado contra uma mulher que fazia academia na X@W. O assassinato chamou muita a atenção da população porque deceparam os cinco dedos de uma das mãos da vítima. Até então não passava de mais um assassinato bárbaro. Não demorou um mês e novamente a imprensa noticiou outra morte, desta vez de um homem de vinte anos, halterofilista, daqueles que não se domina com facilidade. A polícia alegava que ele provavelmente foi pego de surpresa, porque certamente não seria presa tão fácil. Mas o que chamou a atenção da polícia foi o *modus operandi*: assim como na primeira vítima, deceparam os cinco dedos desta segunda, os da mão direita. A imprensa já veiculava a possibilidade de estarmos diante de um *serial killer*. Mais quinze dias se passaram e outro assassinato com

as mesmas características foi descoberto. A imprensa e a polícia já não tinham mais dúvidas: estávamos diante de um crime em série. Assassinos de alunos de academia de musculação e decepção dos cinco dedos da mão direita. Passado um mês, outro assassinato com as mesmas características foi descoberto: aluno de academia e decepção dos cinco dedos da mão direita.

Pressionado por minha mãe, desisti de prosseguir na academia. Após mais de quinze homicídios, o assassino deu uma trégua. Como a polícia não o prendeu, desisti de vez da academia. Se da primeira vez eu corria o risco de morrer, desta vez certamente seria morto se o assassino em série me pegasse numa dessas ruas escuras da cidade. Passados mais seis meses, o assassino atacou novamente. Foi o fim do meu desejo de me tornar um Sylvester Stallone.

Passado quatro anos sem notícias de outros assassinatos, decidi voltar a praticar academia, mas já sem o sonho de me tornar um Stallone. Desta vez foi para manter a forma, já que nesses lugares a gente sempre acaba sendo envolvido por uma atmosfera que nos estimula a nos exercitarmos. Assim como da primeira vez e da segunda, não vislumbrava que algum fenômeno paranormal acontecesse de forma a me impedir de praticar exercícios. Eu acreditava que o evento que me impediu de continuar a me exercitar na segunda vez não passava de uma macabra coincidência.

Passados dois anos fazendo academia, a imprensa noticiava o surgimento, na China, de um vírus que aparentava ser muito perigoso. Ainda não estava muito claro o potencial destrutivo da doença. Não demorou muito e a imprensa noticiava que o novo vírus era altamente contagioso e mortal: COVID-19. As autoridades, com muito custo, admitiram que a única forma de evitar a contaminação e muitas mortes era o isolamento social. No meu trabalho, todos foram designados para o teletrabalho. Larguei a academia já imaginando que aquilo não era uma macabra coincidência; havia sim uma conexão entre minhas atividades na academia e tragédias. E o pior de tudo, as tragédias estavam cada vez mais macabras e em maior escala, envolvendo cada vez mais pessoas. Agora o mundo todo estava envolto numa trágica e macabra pandemia.

Três anos após as primeiras notícias do COVID-19, o mundo havia retornado completamente ao normal. A pandemia havia consumido milhões de vidas, mas converteu-se em mais uma gripe, dentro do trivial. Com quase a totalidade das pessoas vacinadas,

as poucas mortes não mais assustavam. Minha cabeça, todavia, martelava: será que se eu voltar a fazer academia outra tragédia pior acontecerá? E qual? Seria ela a última?

Durante esse tempo todo, namorei com algumas mulheres, mas com nenhuma delas me casei. Eu estava ficando para titio. Mas como não há males que dure para sempre, conheci uma mulher que arrebatou meu coração. Havia, todavia, uma peculiaridade: ele fazia academia quatro vezes por semana. Até aí tudo bem, nada demais, afinal é um santo remédio para saúde. Todavia, meu coração disparou quando ela me convidou para que a acompanhasse nas aulas de academia. Pigarreei várias vezes, enquanto me lembrava dos eventos que envolveram minhas macabras idas na academia e vindas dela. Com o coração palpitando, mas sem uma desculpa plausível, aceitei. A sorte estava lançada.

Passados três anos suando na academia, já estava crente que tudo não passava de uma mera coincidência. Infelizmente, eu estava enganado, redondamente enganado. Timidamente, a imprensa noticiava o surgimento de um vírus totalmente diferente de tudo que se teve conhecimento até então. Ainda não estava nada muito claro. As notícias pareciam mais *fake news* de tão bombásticas que soavam. Os governos ainda não haviam se manifestado oficialmente sobre as notícias que trafegavam pelo WhatsApp e Telegram. Aparentemente o assunto era tratado como questão de Estado: tudo no mais alto sigilo. Realmente era algo inacreditável o que estaria acontecendo, tão surreal que ninguém acreditava na veracidade daquilo, muito menos eu. Embora eu não quisesse admitir, minha mente martelava que aquela nova doença era muito infinitamente pior que o coronavírus e podia significar o fim da humanidade na face Terra. Seria um *The Walking Dead* real.

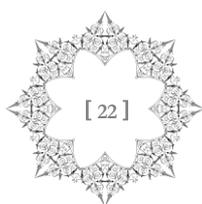
Diferente do coronavírus, esse novo vírus era infinitamente mais transmissível. Mil vezes mais transmissível. Não demorou muito e a imprensa noticiou que todos deviam se isolar. Os negacionistas, todavia, viraram as costas para a tragédia que se avizinhava. No meu trabalho, novamente fui para o teletrabalho. Àquela altura, minha namorada viciada em academia já era minha esposa. Ainda não tínhamos filhos.

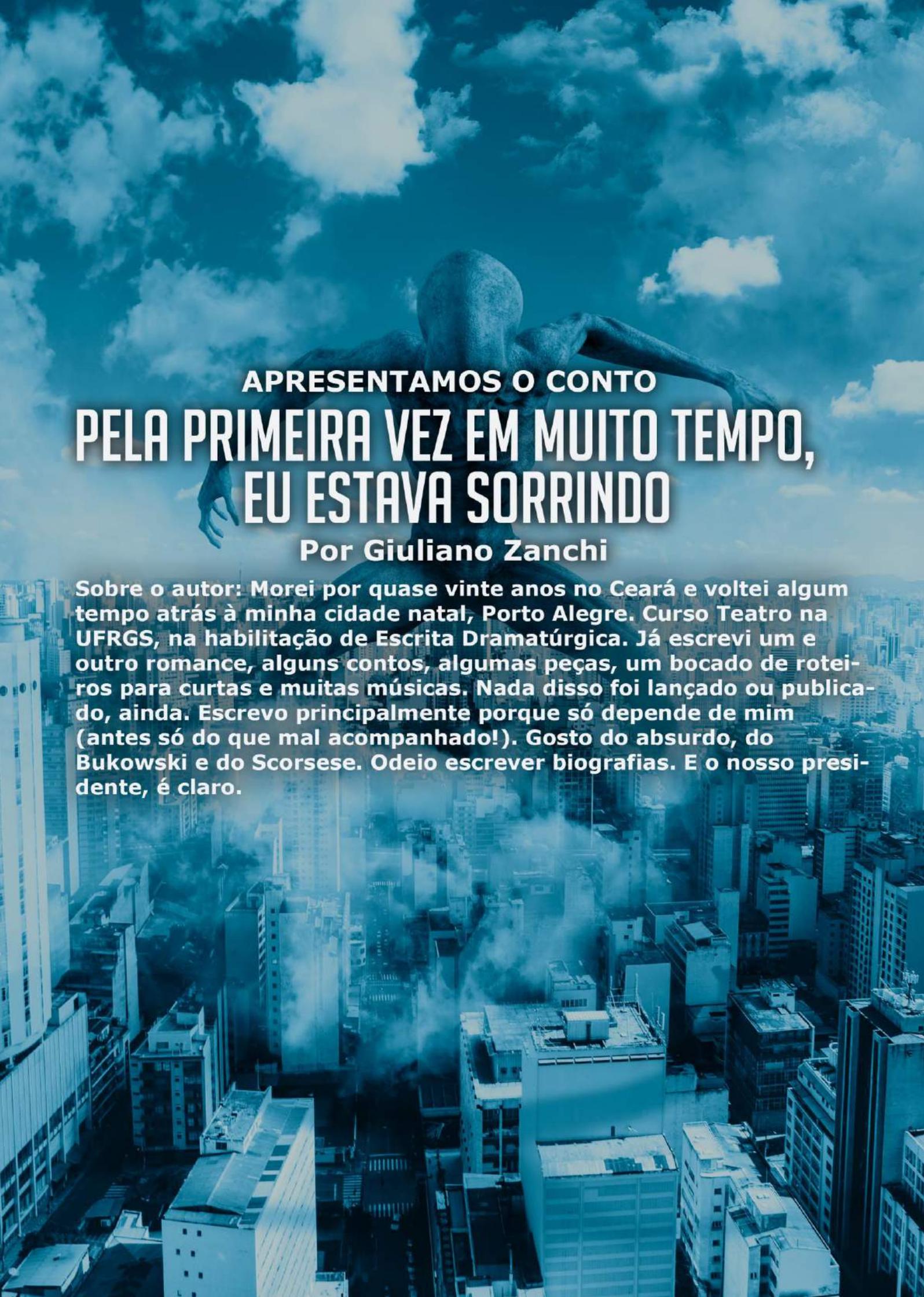
Apesar do isolamento, o vírus se espalhava em escala geométrica, enquanto os negacionistas enchiam as praias, bares e patrocinavam festas e mais festas clandestinas. A polícia e o exército não podiam fazer muita coisa, porque eles também estavam temerosos com o vírus altamente transmissível até mesmo ao ar livre. A anunciada tragédia cada vez mais era uma realidade. A economia estava em frangalhos, havia desabastecimento, saques e muitas mortes em confrontos.

Passado seis meses após as primeiras notícias, fui contaminado. Agora eu também era um zumbi. Eu e minha esposa. Aqueles que não eram contaminados, por algum motivo que a natureza não tinha explicação, viravam comida de zumbis. A doença se espalhou pelo mundo afora e com ela vieram outras doenças decorrentes dos milhões de corpos que se espalhavam ao ar livre, sejam de pessoas que não se contaminavam e viravam comida de zumbis, sejam de pessoas que morriam por doenças decorrentes do ambiente insuportavelmente insalubre.

O planeta Terra se transformou num cemitério a céu aberto. As doenças decorrentes da insalubridade não me afetavam, afinal eu era um zumbi, um morto-vivo. Com o passar do tempo, não sobraram mais humanos não contaminados na face da terra, mas apenas zumbis. Apesar de sermos mortos-vivos, tínhamos uma consciência humana e o instinto de que devíamos nos alimentar de carne com sangue para sobreviver. Não havendo mais humanos, nos alimentávamos de animais. E tínhamos até sentimentos: eu me sentia feliz zumbi com minha amada esposa, afinal não tinha mais responsabilidades como trabalhar, pagar contas, etc.

Vislumbrei que nada de mais trágico podia acontecer com Planeta Terra. Desta forma, quando eu e minha esposa encontramos uma comunidade zumbi, resolvemos nos juntar a eles para praticar exercícios numa academia. Eu ainda não havia confessado para minha esposa minha sina. Quatro anos depois que iniciamos a queimar calorias diariamente, um clarão surgiu no céu, distante, mas cada vez mais próximo. O pavor não durou o suficiente para vislumbrar que diabo seria aquilo; de repente, após um insuportável estrondo, tudo se converteu numa macabra escuridão.





**APRESENTAMOS O CONTO
PELA PRIMEIRA VEZ EM MUITO TEMPO,
EU ESTAVA SORRINDO**

Por Giuliano Zanchi

Sobre o autor: Morei por quase vinte anos no Ceará e voltei algum tempo atrás à minha cidade natal, Porto Alegre. Curso Teatro na UFRGS, na habilitação de Escrita Dramatúrgica. Já escrevi um e outro romance, alguns contos, algumas peças, um bocado de roteiros para curtas e muitas músicas. Nada disso foi lançado ou publicado, ainda. Escrevo principalmente porque só depende de mim (antes só do que mal acompanhado!). Gosto do absurdo, do Bukowski e do Scorsese. Odeio escrever biografias. E o nosso presidente, é claro.

Eu precisei olhar. Por algum motivo não consegui seguir em frente. As pessoas corriam e gritavam ao redor, trocavam socos, quebravam coisas, e o monge era preparado pelos companheiros. Não tenho certeza com o que lavavam o sujeito, mas era inflamável. Eu tinha visto o famoso vídeo antigo da autoimolação no Vietnã. Não parecia real. O homem não reagiu às chamas. O corpo carbonizado caiu, duro e negro, mas pacífico. O que aconteceu em minha frente foi bem real.

As chamas explodiram com mais intensidade do que eu esperava. Pareceu ter pegue eles de surpresa também. O monge se moveu um pouco por debaixo das chamas, mas resistiu por um tempo. Logo, todos naquela rua escutaram seu gemido de dor. Ele então rolava no chão, tentando formular um grito, mas logo fez silêncio. Ninguém conseguiu se aproximar. Muitos dos outros mongezinhos preferiram rezar. Mesmo a muitos metros de distância eu pude sentir o calor. Alguma coisa ele conseguiu, porque muitos dos animais que brigavam naquela rua ou saíram correndo ou pararam para ver o novo showzinho. Uns até filmavam.

Dei as costas aos monges e os outros loucos e segui caminhando depressa para não ser atacado. Bandos estavam pilhando mercados, lojas ou casas desprotegidas, outros malucos simplesmente atacavam pessoas nas ruas e deixavam elas mutiladas, sangrando no chão. No meio do caminho um maluco agarrou minha mochila e tentou arrancar ela das minhas costas. Disputamos por algum tempo até ele desistir e sair correndo. Continuei caminhando, percebendo que eu não precisava mais daquela mochila pesada. Mas o notebook que eu trazia dentro ainda podia ser útil. Tirei ele da mochila e a joguei longe.

Perto de meu prédio, um trio de adolescentes atacava uma mulher. Um deles estava armado com uma faca. Deu uns cortes no braço da infeliz. Olhei para meu prédio e vi que a grade ainda estava fechada e não parecia ter sido invadido ainda. Eles me viram e me pediram para entregar sei lá o quê, provavelmente o computador. O menino com a faca tomou a frente e veio até mim. Acertei ele na cabeça com o notebook com toda a força que pude e derrubei ele no chão. Os outros dois começaram a me jogar pedras. As que me acertaram, me acertaram com força e doeram. Uma delas me acertou em cheio na cabeça. Dois carros se chocaram muito perto de nós. Um deles não perdeu tempo e seguiu sua corrida, arrastando o para-choque no chão. Os meninos saíram correndo. Joguei meu

computador contra um deles e errei. A mulher fugiu e eu corri até meu edifício. A adrenalina me fazia tremer muito. Apesar de me sentir focado, demorei muito para acertar o buraco na fechadura. Carros passavam a milhão pela avenida. De vez em quando freios guinchavam. Finalmente enfiei a chave no buraco e girei. Um bando surgiu na esquina, jogando pedras nos carros e em qualquer pobre coitado que estivesse na rua. Um dos veículos tentou desviar deles e bateu em um poste. Eles cercaram o carro e começaram a demoli-lo. Algumas pauladas racharam o para-brisa e destruíram os faróis. O carro tentava se mover. Percebi que minha porta estava aberta esse tempo todo. A fechadura era elétrica. Significava que não havia mais luz. Enquanto eu entrava depressa, vi de relance um deles pulando sobre o teto do carro. Eu abria a segunda porta escutando o carro acelerar. Fechei a porta depressa e subi a escada escura.

Enquanto eu procurava a lanterna em meu celular, tropeçando nos degraus, eu me perguntava o que tínhamos feito desta vez para finalmente termos chegado a esse ponto. E quando digo “o que nós fizemos”, eu lavo as mãos de qualquer responsabilidade. Metade dos pobres coitados lá na rua não têm culpa, também. Alguém apertou o botão errado e foi tudo para o inferno. Mês passado era só mais uma crise econômica, mais uma guerra em algum país miserável, mais um incompetente como presidente, e então...

Cheguei ao quarto andar, tremi um monte antes de enfiar a chave na fechadura e entrei em casa. Suspirei. Eu não escutei barulho nenhum em nenhum outro apartamento. A maior parte de meus vizinhos eram velhos. Talvez as famílias deles tenham vindo ao resgate. Ou eles foram atrás de resgatar alguém. Quem tem pelo que se desesperar está desesperado. Os outros só são modistas.

Fui ao banheiro, mijei, tentei lavar o rosto, mas já não tinha água. Fui à cozinha, abri a geladeira, peguei uma garrafa e derramei seu conteúdo sobre minha cabeça. Para onde eu estava indo? Para onde eu queria fugir? Antes parecia fazer sentido, agora eu me sentia absurdamente idiota. Escutei sirenes. Muitas sirenes. Corri até a janela da sala. Carros de polícia e alguns caminhões do exército. Em alta velocidade. Receberam algumas pedradas no caminho. Dois carros de polícia pararam. Me afastei da janela e fechei a cortina. Ouve tiros e gritos. Voltei à cozinha, peguei outra garrafa e desta vez bebi. Tinha escutado que não existia mais polícia. Mas ainda éramos sensacionalistas.

Já faziam alguns meses que o preço da gasolina estava além da conta e algumas semanas que os mercados começavam a esvaziar. Eu comprei minhas provisões antes da

greve geral começar, mas começava a ter a impressão de que foi uma perda de tempo. Sempre me perguntei que gana era aquela de sobrevivência nos filmes que fazia todo mundo aguentar o diabo para viver mais um dia. Fugindo e correndo e dormindo e fugindo e correndo. Que amor pela vida era aquele? Em que mundo aquele pessoal vivia? No meu caso, o problema não eram zumbis ou monstros, nem nada cinematográfico. Era bem pior que isso. Meu problema era gente. Gente sem toda a maquiagem e a coreografia, mostrando sua verdadeira cara. No fim, só cansamos, mesmo. Só precisávamos de um incentivo.

Eu vi o vídeo do bombardeio na ONU e não acreditei de começo. As coisas nunca chegavam a um nível tão espetacular. Quando começava uma crise, inventavam uma guerrinha ou outra e mandavam uns pobres coitados para o açougue e uns anos depois estava tudo resolvido. Mas os mandachuvras nunca pagavam o pato. A coisa mudou desta vez. Um monte de presidentes mortos. E não parou por aí. Mais explosões, mais churrasco de político. Quem tem arma decidiu tomar conta de si mesmo e a coisa virou um faroeste. Bandidos, policiais, milicos, não fazia diferença. De repente, era cada um por si. Ora, de repente. Sempre foi assim, mas éramos românticos, não?

Dei um pulo quando eu escutei a explosão lá fora. Vi a luz amarela bruxuleante pela cortina, mas não me animei a olhar pela janela. E ao me virar, dei de cara comigo mesmo. Eu, abraçando ela, contigo no colo, meu pequeno. E alguma coisa se embrulhou dentro de mim. Peguei a foto da estante. Eu e ela sorriamos de verdade. Sorrisões de cinema. E então eu pensei “que bom”. Que bom que você não está mais aqui. Que bom que você não viveu o bastante para descobrir que somos só isso, só bichos, animais. Que tipo de pessoa coloca uma criança em um mundo desses? Olhei para ela e a nostalgia me trouxe preocupação. Mas não fazia ideia de onde ela podia estar. Fazia anos que nos ignorávamos, ainda que não tivesse um dia que passasse sem eu pensar nela, em você, naqueles tempos. Quase fomos felizes, não fomos?

Coloquei a foto no lugar. Eu chorei um pouco, sentado no sofá, olhando a luz amarela em minha janela. Me perguntava se a altura dali até o chão era o bastante para me matar. E lembrei do monge. Mais uma vez tentei descobrir o que ele estava fazendo ali. Provavelmente pedindo milagres. Pensei em todos os filhos da puta que eu conhecia, que não eram poucos, e em como eles devem ter dado facadas nas costas de todos os que viam pela frente para se salvarem. Em quantos realmente devem ter se dado bem. Penso

na pequena mão de bebê caindo para o lado, sem vida, dentro da incubadora, e ela enfiando as unhas em meu braço, desesperada, enquanto os médicos retalhavam nossa pequena vitória. E penso que quem seria feliz seria eu e ela. Para você seria apenas miséria.

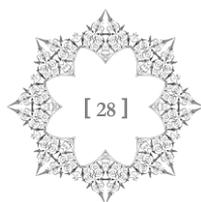
Minha geladeira estava vazia. Nada para beber. E não estava com vontade de beber. Não estava com vontade de coisa nenhuma, nem de pular daquela janela, nem de cortar os meus pulsos. Ninguém precisava ter vontade de coisa nenhuma também. Não havia sobrado nada. Os milicos estavam mais preocupados trocando tiros entre eles do que protegendo a nação ou qualquer bobagem do tipo. Eu só sentia raiva. Raiva de fazer as veias da minha cabeça pulsarem. Eu não sei por quanto tempo fiquei sentado ali, pensando, até finalmente me levantar e ir até o quartinho dos fundos.

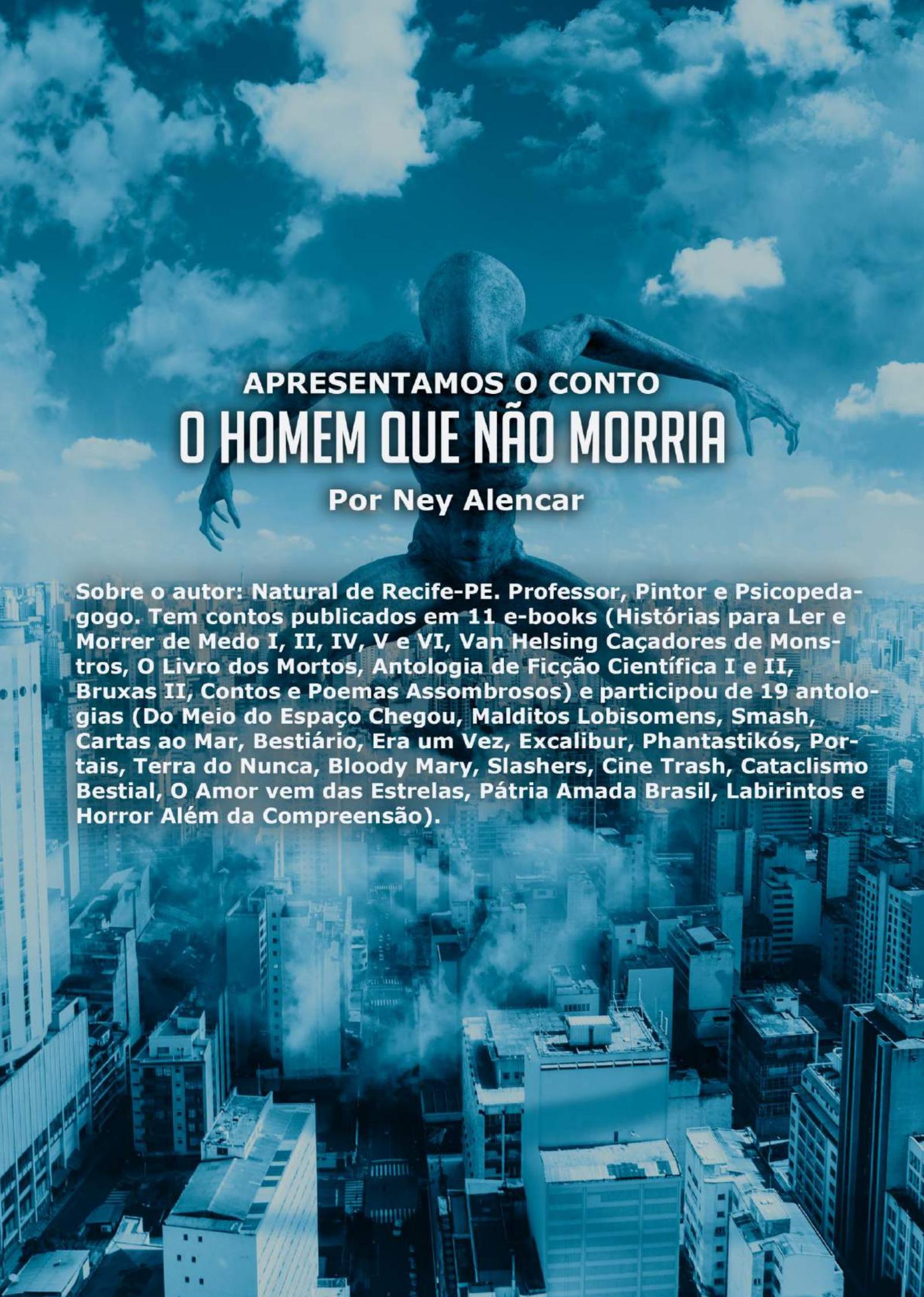
Peguei o cano detrás da máquina de lavar e tirei o facão de dentro da caixa de ferramentas. Estava sem fio. Peguei a pedra de amolar e passei um tempo afiando. A lâmina estava um pouco enferrujada, mas aquilo era bom. Escutei explosões e gritos à distância. Perdiam ritmo e intensidade às vezes, mas nunca paravam. De repente eu entendia os animais loucos e armados na rua, que não pareciam ter motivação nenhuma. Satisfeito com o facão, guardei minha lâmina no cinto. Espiei pela janela e vi um grupinho levando embora móveis de dentro do hotel, do outro lado da rua. Um carro de polícia pegava fogo logo em frente e haviam uns corpos ali. Era a segunda vez que via uma pessoa morta e a primeira vez que não era alguém que eu amava.

Desci as escadas e saí para a rua. Dois homens tentavam arrombar a porta do prédio ao lado. Olharam para mim de repente, olhos de bicho, redondos, fixos, inexpressivos. Perfeitos. Não hesitei por um segundo. Falaram alguma coisa para mim e começaram a andar na minha direção. O segundo tirou uma faca do bolso. Desci o meu cano sobre o primeiro com toda a força que eu pude. Ele ergueu as mãos para se proteger e pude ouvir os dedos dele quebrando. Não esperei e fui até o outro, que já avançava com a faca. Deixei ele dar o primeiro golpe. Me esquivei e acertei o braço. Um urro de dor. Acertei a cabeça. Ele largou a faca. Acertei mais vezes. Ele caiu, se encolhendo. Puxei o facão. Acertei vários golpes. O sangue esguichou. Estava bem afiado. Me virei para o outro. Ele saiu correndo. O persegui e dei um corte em suas costas. Deixei ele ir embora.

O outro se arrastava, gritando. Vi os outros me olhando do outro lado da rua, carregando um sofá. Apontei para eles com o facão. Estava pensando nas pessoas que eu

queria reencontrar enquanto atravessava a rua correndo. Pela primeira vez em muito tempo eu estava sorrindo.





APRESENTAMOS O CONTO
O HOMEM QUE NÃO MORRIA

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 11 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos) e participou de 19 antologias (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era um Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Labirintos e Horror Além da Compreensão).

"E assim como tudo começou
na escuridão termina o verso."

O LIVRO D`A PALAVRA - PHRASILLION

Hoje o sol se foi. Suas chamas se apagaram e sua luz morreu, e um oceano inerte, de águas paradas rolou em ondas murchas até as praias vazias, em um mundo vazio e só, nu de toda vida e esperança, somente eu restei, o último homem sobre uma terra morta que não pode morrer.

O frio do vácuo exterior avança inexorável por sobre as construções do orgulho e pretensão humanos, tudo corrompido e purificado pelas mãos justas do tempo.

A escuridão gelada engole todas as luzes e sua boca desapiedada se fecha sobre mim com as presas inquietantes da solidão. Seu silêncio vasto e preenchido de ecos ressoa fantasmal e nítido aos meus ouvidos anelantes por vozes.

O odor mofado e frio de enclausuramento desprende-se de todo o cadáver do mundo, poluindo e sufocando minha garganta muda com seu gosto acre e amargo de ambição, ao meu redor todos os tesouros do mundo chacoalham seus valores inúteis em um sarcástico e zombeteiro riso metálico.

O desespero da impotência humana, fraca, débil, diante do movimento incessante que não se deixa aplacar, da roda sem fim da vida diante da morte apertou meu coração de tal maneira angustiada, comprimiu-o entre seus dedos magros e famintos de esperança, de tal forma agoniada, que por um instante apenas, um segundo de renovada esperança até ele cessou de bater e todo o meu ser ansiou por morrer, mas o relógio da carne recomeçou seu hediondo compasso.

Agora, que todos que amava se foram e nada mais me resta senão a pálida e triste memória da recordação, agora que todos os sonhos e ideais me foram negados, agora que todas as razões bastam-me e a culpa já não corrói minha vontade com temor e comiseração, agora que nenhum laço mais existe entre mim e a minha humanidade e a liberdade quimérica me envolve em seus braços de canibal sereia, agora e somente agora, depois de tudo perdido e passado eu vejo a necessidade e sinto a fome de todas estas coisas porque estão para além do meu alcance, agora.

Aqui, sentado acima e por sobre o mundo todo vejo os dogmas ignorantes de cada uma das cruces que nasceram com os nomes de homens, e vejo seus algozes, sua

responsabilidade, suas culpas e cicatrizes, e vejo cada gesto e cada pensamento e palavra que saíram de dentro do homem, sempre duplos e ambíguos, vazios de significado, formas-mentiras que jazem em caixões de vidro guardadas como sabedoria, e vejo feixes de lenha humildes que nasceram com nomes de homens e vejo sua riqueza simples de palavras e gestos e seu terrível destino de sacrifício, mas sou cego e não me vejo não.

Sinto o universo a morrer ao meu redor, sinto seu grito silencioso de angústia passiva diante do cessar de suas correntes, do estancar de sua pulsação, sinto o lapso, o momento de pausa em sua respiração.

Sinto tudo isto que vai além de mim, como o sentir de meu próprio coração.

Mas já não sou homem, sou antes uma aberração, porque diferente dos homens já não vivo, nem morri ou cessou de bater o meu coração.

Encontro-me vivo a cada dia, a cada noite sonho morrer, acordo somente para descobrir que continua inexorável a minha maldição.

Todos eles são mortais, os homens, somente eu é que não.

Assim galguei dez mil séculos, deixei-os para trás e continuo a seguir.

Tudo o que um dia possuí, perdi!

O ar parado e enegrecido da atmosfera preenchida por ilusões e irreabilidade abafa o impulso da vida que corre dentro de mim e sua tentação opressora domina toda tentativa e impulso de viver intensamente, a dor e a culpa coagem minha vontade e anestesiam meus sentidos com suas necessidades ordinárias: fome, desejo, sexo.

Movo-me sem consciência pela terra morta, e meus olhos vítreos e vazios não vêem a realidade que corre ao redor e através de mim, mas vêem apenas eu mesmo, só, inominável e verdadeiramente real, meus sentidos são farsas enganosas que mentem a mim mesmo sobre tudo e todo resto que me cerca, nada é como em verdade parece ser.

De todas as virtudes do homem, a verdade, a mais ambígua, dúbia e escapável, é a mais imperiosa das qualidades!

E todos eles são mortais, os homens, os homens ociosos.

A minha visão deste mundo morto preenche meu ser com um espetáculo de indizível tristeza, porque eu me decidi a ir além das aparências, até a essência de todas as coisas, acima e para fora deste sufocante desespero da descrença que devora o interior dos homens e se alimenta de seus sonhos, seus ideais e seus espíritos, mas quando atingi o ápice da compreensão da vida do mundo olhei ao redor e descobri um vasto vazio moral

emerso em uma terrível e desesperada fome de vida, que jamais poderia ser aplacada, porque o interior dos homens se havia contraído de tal forma, devido ao tempo incontável que estivera faminto e mendigando vida onde já não havia, que este interior já não suportava o contato com a menor porção de vida e coisas belas e arte, e a expulsava involuntariamente, como o faminto vomita o alimento após muito tempo sem comer.

A fraqueza humana pesa sobre meus membros, trazendo a sua vulnerabilidade forte que me apascenta e me impede de reagir, sou um mero escravo das circunstâncias tangido ao acaso e nada que fizer poderá alterar isto, agora.

Uma força estranha, uma vontade incessante, o medo da obliteração, ainda me faz andar nas ruas da solidão.

Não acredito na existência de coisa alguma, e no entanto não nego a minha fé, porque somente posso acreditar em mim e naquilo que eu posso ver? Ou naquilo que está além de mim e que eu não posso ver? Eu acredito nas coisas reais, não nas verdadeiras.

E isto encerra meu ser em grades de realidade, e a ilusão leva embora minha liberdade.

Ah, MEU DEUS, como sou igual aos outros homens, inconstante e mutável, fraco e débil, cuja direção e fim, nunca encontrados são sempre esquecidos e relegados, cuja vontade inepta e débil não resiste além do primeiro esforço inicial, diga-me porque não posso morrer? Porque tenho que continuar vivendo?

Deixo-me vagar sem rumo através daquele oceano morto, a lâmina azul-verde de suas águas paradas e obscurecidas refletem agora a serenidade que reina no meu interior, e encontrando-me assim abandonado, entre os céus e o mar de um mundo morto, único homem vivo, penso em Deus.

Tenho tempo, tenho muito tempo para falar de vida e morte.

Resta-me apenas aguardar o inevitável fim de tudo.

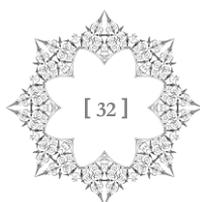
Resta-me apenas esperar o inexorável nada.

Resta-me esperar as cálidas chamas do último fogo, da última luz que quebrará esta escuridão espiritual para trazer consigo a morte e a purificação.

Então sopra sobre mim um hálito quente e olhando por sobre a superfície da Morte vejo a Sua Face, e suplico.

"Agora basta, Senhor, retira-me a vida pois não sou melhor que meus pais."

1º LIVRO DOS REIS, 19:04





APRESENTAMOS O CONTO
ESPAÇO TEMPOS

Por Noel Rosa de Castro

Sobre o autor: Noel Rosa de Castro considera-se um funcionário maravilhoso de uma empresa maravilhosa por pura necessidade financeira e psicológica, porque o trabalho rotineiro e regrado o mantém com os pés no chão dentro desse contexto físico e mental aqui da realidade comum a todos os seres humanos, possui muitos hobbies distintos, mas dois são recorrentes, fazer treinos de corrida que algumas vezes o levam a participar de competições esportivas oficiais e escrever histórias fictícias que algumas vezes viram livros, enfim, define-se como sendo apenas mais um no mundo, mas também como alguém muito esperançoso na construção e efetivação de um novo mundo muito melhor para tudo e todos sem qualquer distinção e restrição a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes muito positivas e construtivas que nos levem a um existir pleno ou bem próximo disso.

Quase não me lembro de como, quando e onde tudo começou, tenho apenas curtos *flashes* de memória do início do fim do mundo.

Na verdade, eu nasci depois, mas fui coletando uma informação aqui e outra acolá, conversando com pessoas aleatórias que não foram transformadas, convertidos em seres meio máquina e meio humanos, mecânicos e orgânicos, ora chamados de Trituradores e ora chamados de Híbridos, enfim, não importam os seus diversos nomes, metamorfoseados nessas criaturas horrendas pela tecnologia viva dos alienígenas que orquestraram a invasão e domínio quase que completo do nosso planeta.

Esses híbridos, essas máquinas vivas que outrora foram seres humanos e também muitos outros tipos de formas de vidas orgânicas como animais, insetos, enfim, agora vivem apenas para caçar e converter outras formas de vida biológicas em híbridos também.

Meu nome, Demétrius, vivo vagando contra minha vontade pelo espaço tempo aleatoriamente, porque a radiação expelida pela tecnologia dos alienígenas que na verdade nunca pousaram aqui na Terra, eles apenas enviaram suas máquinas, minha maior fonte de conhecimento sobre os extraterrestres e o fim do mundo propagado por eles, pelo menos nessa realidade alternativa e linha espaço temporal em que estou agora, vem deles, o dragão roxo e o leão com asas de morcego, a pesar de terem sido mudados, convertidos em criaturas meio máquinas e meio orgânicas, miraculosamente, adquiriram consciência própria, ficamos amigos.

Antes que o mundo virasse essa salada transtemporal que muda aleatoriamente sem seguir qualquer regra estabelecida pela física conhecida, eles não poderiam existir, a não ser que fossem aos montes nos filmes, séries, minisséries, livros, músicas e outros elementos da ficção, produção cinematográfica, literária e musical, mas nessa loucura toda que virou o nosso mundo, existem, um dragão roxo e um leão com asas de morcego, criaturas metade orgânica e metade máquina.

— Precisamos sair daqui, Demétrius, eles estão chegando – fala Myrus, o dragão roxo, meio máquina e meio orgânico, visivelmente assustado e apreensivo, apesar de todo o seu tamanho e força física.

— Verdade, eles estão muito perto, o destacamento de trinta híbridos, vamos embora antes deles chegarem aqui em duas horas mais ou menos, meus sentidos me dizem isso — fala também assustado e apreensivo o leão com asas de morcego, Hyrus, também um híbrido orgânico máquina grande e forte, porém, covarde até os ossos.

— Certo! Nunca tive razões para duvidar dos seus sentidos e percepções, vamos para o nosso esconderijo — diz Demétrius recolhendo seu rifle winchester prateado, a maleta metálica com a metralhadora tecnológica e subindo na moto magnética poderosa.

Em outro canto desse lugar que outrora foi nossa majestosa cidade de São Paulo, especificamente a Avenida Paulista, uma espécie de ciborgue gigantesco, aterrorizante, uma mescla de tecnologia alienígena e muitos corpos humanos seguem destruindo tudo o que restou da extinta civilização humana.

No topo do antigo prédio do Banespa, Eleonora, viajante espaço temporal amadora vinda de outra realidade, assiste tudo isso abismada, atônita, boquiaberta, trêmula, aterrorizada demais.

— Pelo amor de Deus diga que você esta vendo isso e me tira logo daqui Gertrudes, vai logo pelo amor da minha querida e amada tia Juventina — grita pelo comunicador transtemporal.

— Estou vendo sim, mas custo a acreditar que esse é o futuro do nosso mundo, estou calibrando os circuitos espaço temporal e eu já vou te trazer de volta — fala assustada demais da conta lógico matemática possível, Gertrudes, sua voz vinda de outro lugar do espaço tempo, num laboratório improvisado, porém, muito avançado e construído por ela mesma.

Eleonora é envolvida por partículas de eletricidade esverdeada, envolvida completamente pela energia, some num clarão de luzes multicoloridas sem deixar qualquer vestígio de sua estada aqui nessa realidade caótica, frenética e fantástica.

Noutro canto, Demétrius, Myrus e Hyrus, lutam contra outro híbrido, um ciborgue, menor que aquele visto na outrora Avenida Paulista pela Eleonora, um homem com diversos implantes cibernéticos extraterrestres em seu corpo.

— Saiam da frente que vou fritar esse bicho com meu bafo de fogo — berra Myrus, o dragão roxo meio orgânico e meio máquina cuspidor umas labaredas de fogo no ciborgue.

— Vixe! Ele esta pegando fogo, queimando, mas continua vindo, faz alguma coisa meu poderoso e destemido defensor, super-herói, Demétrius, meu rei corajoso — fala o leão com asas de morcego, também uma criatura híbrida meio máquina e meio orgânico, escondido nas arvores próximas.

Demétrius, segurando seu rifle winchester prateado numa mão e a metralhadora tecnológica na outra, dispara saraivadas contínuas de balas comuns e radioativas contra o

ciborgue mensageiro dos alienígenas dominadores, destroçando a criatura em chamas que rosna como um animal selvagem em agonia.

Ao longe, muitos outros ciborgues feitos de partes mecânicas, eletrônicas e orgânicas, homens, mulheres, animais e insetos convertidos pela tecnologia dos extraterrestres, todos dominados, controlados, desmemoriados, avançam na direção dos nossos heróis com a intenção de convertê-los ou reconverte-los, abduzi-los e colocá-los a servidão dos alienígenas.

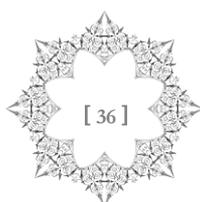
— Tá na hora de puxar o carro, né? — indaga trêmulo demais o leão com asas de morcego.

— Fuja hoje para lutar amanhã — fala o dragão roxo alçando voo.

Demétrius fica parado por alguns instantes, guarda suas armas, põem as mãos na cintura, enxerga pelas lentes dos seus poderosos e microscópicos óculos eletrônicos, um brilho bem distante, uma mulher num traje tecnológico muito diferente — hora essa, mas quem será essa garota? Amiga ou inimiga? — pergunta em pensamentos o guerreiro dos guerreiros dessa realidade alternativa caótica, frenética e também fantástica.

Montado em sua moto magnética, Demétrius, voa rápido como um raio seguindo seus amigos ciborgues do bem, sua família, Myrus e Hyrus, um dragão roxo e um leão com asas de morcego, ambos sendo criaturas metade máquina e metade orgânica.

Eleonora, Demétrius, Myrus e Hyrus, aqui nessa realidade alternativa são os guerreiros de ferro, defensores da humanidade que restou nessa realidade maluca, nesse pedaço do espaço tempo dos seus sonhos e ou pesadelos, enfim, determinados a retomar o nosso planeta.





APRESENTAMOS O CONTO
TIGRE BRANCO

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Roberto Minadeo publicou obras sobre Marketing e Estratégia. Colabora habitualmente em Coletâneas de várias editoras. Lançou em 2020 a antologia onírica "Sonhos Fulgurantes" (<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>).

Lançou o romance/drama Duas Irmãs em 2021. É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963, em Brasília. E-mail: rminadeo@gmail.com

Redes sociais:

[researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo](https://www.researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo)

<https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor-105594060914033/>

<https://www.instagram.com/robertominadeo/>

A família Walker não tinha mais o que inventar. Após anos como bons empreendedores do setor petrolífero na Austrália, ingressaram no seleto clube de bilionários do país.

Moravam em Melbourne. De segunda a sexta-feira, seguiam a dura rotina de quatorze horas diárias de trabalho, com raros espaços para algum evento – como um concerto. Mas, o descanso do final de semana era inegociável: iam à fazenda, a cento e vinte quilômetros ao norte.

Elephant era o nome da fazenda, com algumas plantações, um belo rebanho, e cheia de piscinas e quadras de tênis. A casa principal era gigantesca, somando cinco suítes para hóspedes. Era um lugar para descansar e receber os amigos. Enfim, um excelente lugar para fazer contatos.

Quando o segundo bilhão foi conseguido, em 2006, um primo distante do patriarca, veterinário, trouxe uma ideia revolucionária: clonagem de animais. Queria ganhar uma fortuna usando essa técnica para ter manadas de bois e de vacas que fossem todos clonados com base nos mais premiados exemplares encontrados mundo afora.

E assim foi feito. Em dois anos, o que se iniciara como uma brincadeira já era o segundo maior negócio dos Walker. Inicialmente não havia sido previsto que se lidasse com ovelhas, mas uma clonagem perfeita fez um rebanho que rapidamente começava a produzir a melhor lã jamais vista. Nos bovinos, se chegou à produção da mais tenra carne, apreciada em toda a Ásia.

Certo dia veio a brincadeira. Lilian, a caçula, em um dia especialmente alegre e íntimo da família, sugeriu a clonagem de um tigre. Todos riram, mas o pai levou a sério, afinal, jamais algum capricho fora negado naquela casa.

O primo veterinário entrou em ação. Nada entendia de tigres brancos. Foram contratados alguns especialistas em genética da Rússia, da China e da Mongólia. Os dois casais para se começarem os trabalhos representaram investimentos caríssimos, mas o patriarca encarou o desafio e fez questão de buscá-los com seu jatinho, junto com a amada Lilian.

A clonagem buscou aprimorar o olfato – já excelente pela natureza – e fazer tigres ainda mais rápidos e agressivos. Na verdade, os Walker estavam levando tudo isso na brincadeira, julgando que os resultados levariam muito tempo e que poderiam no máximo criar tigres ligeiramente mais aprimorados do que os naturais. Os próprios geneticistas duvidavam da eficácia dos métodos empregados, esperando, na melhor das hipóteses,

filhotes apenas mais belos e com poucos parâmetros de superioridade, por exemplo, na melhoria da visão.

Infelizmente não foi o que ocorreu. Os quatro filhotes nasceram com uma visão e um olfato aguçadíssimos. Além disso, eram muito mais fortes e violentos do que os tigres normais – o que os geneticistas notaram já nos primeiros dias, devido ao comportamento extremamente agitado, a ponto de deixarem de mamar muito cedo, começando a buscar alimento de adultos. Finalmente, outro resultado que ninguém previra: os clones eram férteis, inclusive quando se cruzavam entre si mesmos.

Com apenas dois meses de idade e após vários episódios de agressão junto aos tratadores, os filhotes se foram, para desespero do patriarca. Lilian nem se chateou muito, já contente em ter visto tantos esforços que haviam sido feitos, e por ter se afeiçoado bastante aos dois casais da “primeira geração”. Os geneticistas queriam repetir os experimentos para uma nova ninhada – todavia os Walker decidiram cuidar apenas da genética bovina.

Uma semana após o sumiço, começaram a chegar notícias estranhas. Um zoológico de Melbourne, a dezenas de quilômetros da fazenda, registrou um ataque ao tigre adulto lá existente. A tigresa se viu prenhe em poucos dias. Outros episódios semelhantes foram registrados em circos e zoológicos de toda a região.

A ignorância em relação às possíveis causas desses fenômenos era total. Por outro lado, os Walker jamais imaginariam que a fuga de seus quatro filhotes poderia causar qualquer problema.

Esses quatro filhotes – já convertidos em adultos hiperdesenvolvidos – cresceram rapidamente e dividiram a Austrália para não brigar entre si. Suas habilidades em corrida e em natação os fizeram atingir todas as tigresas do país, cujos filhos herdaram a genética aperfeiçoada.

Alguns zoológicos e circos gostaram das novas ninhadas, pela beleza ímpar. Foi inevitável que se tornassem notícia e atração internacional. Desse modo, vieram ofertas irresistíveis, e vários desses filhotes foram dispersos mundo afora – repetindo o comportamento dos primeiros clones.

Entretanto, nos destinos como Ásia, Europa e América a existência de tigresas era muito maior. Assim, com rapidez impressionante vieram ainda mais episódios de fugas, de eventuais brigas com os tigres adultos, e, por conseguinte, a geração de novos filhotes dos clones.

A voracidade dos clones foi crescendo – resultado completamente imprevisível. Já os primeiros espécimes da Austrália começaram a saborear a carne. Após todos os ataques possíveis, infelizmente houve algumas reações de pessoas querendo defender seus rebanhos de carneiros ou de bois. Foram as primeiras vítimas humanas. Os tigres jamais deixavam rastros, de tal forma que a cada vez que eram obrigados a se defender realizavam massacres completos, alimentando-se das vítimas.

Outro resultado incrível foi a rapidez da maturação dos filhotes, que em poucos meses já geravam novos clones. As ninhadas repetiam o processo de se tornarem adultos logo, partiam para se reproduzirem entre si ou com todas as tigresas que seus olfatos vislumbravam.

Em algumas regiões, chegou-se a noticiar um aumento na população de tigres brancos. Mas, dado que até pouco tempo atrás se tratava de uma espécie ameaçada de extinção, tais novidades geraram intensa comemoração por parte dos ambientalistas. Os episódios de violência ainda eram restritos e dificilmente atribuídos a eles – pela rapidez dos ataques e pelo fato de não deixarem quaisquer rastros, outro resultado inesperado do aprimoramento genético.

Em 2010, a população de tigres brancos já não era mais motivo de comemoração. Os episódios de sumiços de rebanhos e de pessoas já começaram a ser cada vez mais comuns, alguns deles tendo sido filmados. Os ambientalistas emudeceram diante da agressividade constatada.

Em vários países se empreendeu a caça ao “Inimigo Público Número Um”, inclusive com polpidos prêmios a quem trouxesse provas de ter eliminado algum exemplar da espécie. Todavia, outro elemento adicional dos clones foi aos poucos sendo descoberto: diferentemente do tigre original, eles andavam em bando, caçavam em bando e se defendiam em bando. Assim, ao sentirem alguma ameaça, atuavam com toda a força de que dispunham, e a eliminavam.

Infelizmente, nenhum clone jamais havia sido caçado. Ao verem que eram ameaçados pelos homens, passaram a se defender da maneira mais inteligente possível: abandonaram o interesse em se alimentarem com ovelhas ou com filhotes de bois, e passaram a focar a caça a homens adultos. O olfato procurava em especial os caçadores, aqueles que poderiam representar algum perigo. Outra surpresa: perceberam que as câmeras eram elementos que constituíam defesa aos humanos, então ou as destruíam ou as evitavam. Desapareceram por completo os filmes mostrando a ação dos tigres brancos.

Quando a população de tigres já era exclusivamente formada por clones, sua multiplicação se acelerou fortemente. Quando alguns começaram a ser caçados, verdadeiras manadas atacavam os vilarejos que haviam sediado as expedições responsáveis pelo infeliz ataque. Começaram a ocorrer as primeiras destruições em massa, sem qualquer relação com finalidades alimentares, mas apenas para punir os responsáveis e para intimidar. Ah! e como intimidaram! As reportagens que mostravam cidades com duas mil pessoas eliminadas foram suficientes para que os caçadores se evaporassem, devidamente orientados pelas respectivas famílias para que abandonassem as armas.

Em novo passo, os clones perceberam que eram caçados por ações organizadas pelas polícias ou grupos militares. Isso exigiu maiores cuidados para garantirem a sobrevivência. Em primeiro lugar, se escondiam nas mais profundas cavernas ou nos mais inacessíveis trechos de montanhas. Depois, empreendiam o que para eles era uma defesa: cheiravam as tropas e as atacavam com enorme fúria, em bandos formados por até centenas de clones. A ordem era clara: a ação não poderia deixar nenhum sobrevivente.

Enquanto a sobrevivência dos clones enfrentava tais dificuldades nas partes mais densamente povoadas da América, Ásia e Europa, os clones se multiplicavam como nunca na África e na terra natal – a tal ponto que já em 2011 todos os seres humanos dotados de recursos haviam emigrado da Oceania. Então, paradoxalmente, ao invés de se extinguirem os tigres brancos, o que ocorreu nesse continente, foi o final da vida humana. Os clones teriam à disposição centenas de milhões de bovinos e de ovelhas para alimentá-los por décadas, enquanto continuavam a se multiplicar de forma exponencial.

O norte do imenso Canadá, com suas inóspitas regiões geladas, foi uma região sem que nenhum caso sério de ataque aos tigres brancos tivesse sido registrado. Os clones puderam se multiplicar sem limites. Quando chegaram a formar um milhão de indivíduos, já tendo eliminado quase que toda a caça existente, desceram às cidades. Foi um acontecimento terrível para a humanidade: ninguém sobreviveu, ao longo de poucos meses de massacres.

Na África o crescimento dos tigres brancos foi mais lento, mas a partir do momento em que havia alguns milhares de clones, tiveram um paraíso à disposição, por dois motivos. Por um lado, a ausência de inimigos organizados. Por outro, a imensa alimentação formada por toda a riqueza animal. Os ambientalistas acusaram com tristeza o

desaparecimento do leão, rei dos animais, incapazes de enfrentar o novo inimigo – rei não apenas das selvas. Depois, alguns clones mais aventureiros empreenderam o que parecia impossível, cruzar o Mediterrâneo e o Canal de Suez, ampliando enormemente a presença na Europa e no Oriente Médio.

Exércitos se organizaram cada vez mais para enfrentar o perigo. Entraram em cena as tradicionais mazelas do ser humano: nenhuma nação iria aceitar receber ordens de outro país – favorecendo a tranquila expansão da raça dos tigres brancos. Além disso, caçar felinos que agiam furtivamente não era aceita unanimemente pelos humanos. Milhões de pessoas contrárias ao uso da força para caçar os "pobres tigres brancos", e agiam na imprensa para aventar suas ideias. Na verdade, tais pessoas simplesmente não acreditavam na possibilidade de os tigres brancos representarem um risco à espécie humana. Trata-se de outra eterna limitação humana: alguma coisa, mesmo que evidente como o fim da vida humana no Canadá ou na Oceania, pode ser tida por "*fake news*".

A maior defesa aos tigres surgiu deles mesmos: a rapidez com que se reproduziam, mantendo em cada nova geração um ligeiro aperfeiçoamento da espécie. Assim, já em 2012 foram registrados os primeiros casos de presença de clones em todas as ilhas do Caribe e em 2014 em todas as distantes ilhas do Pacífico. Desnecessário acrescentar que chegaram de surpresa, se multiplicavam e desferiam ataques que dizimaram a vida humana.

Todavia, advieram alguns sérios problemas. Alguns exércitos europeus e algumas tropas dos Estados Unidos conseguiram sucesso ao enfrentar centenas de clones. As técnicas adotadas por tais soldados poderiam ser estendidas a outros países – algo intolerável aos tigres. Assim, as novas gerações, cada vez mais aguçadas no olfato e na visão, aos milhares, cercaram os grupos militares em ataques-surpresa, partindo em seguida a outros comboios ou quartéis. Nunca se vira tal coisa na história humana: exércitos dizimados, a ponto de continuarem a existir bobagens como tanques ou canhões, porém sem nenhum soldado para operá-los.

Quando se chegou a 2016, os clones já estavam presentes aos milhares em todas as cidades, escondendo-se furtivamente de dia e atacando durante as noites - inclusive procurando eliminar as fontes da alimentação humana, tais como as carnes. As tentativas de policiais ou ainda de exércitos de enfrentá-los já eram sem sentido – dada a rapidez com que as novas gerações aprendiam a identificar os inimigos e a reunir milhares de indivíduos para atacá-los.

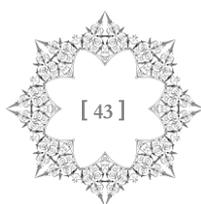
Dessa forma, começou uma diminuição sem precedentes da população mundial. Um importante ponto forte dos tigres brancos: jamais brigavam entre si – o que os tornava invencíveis.

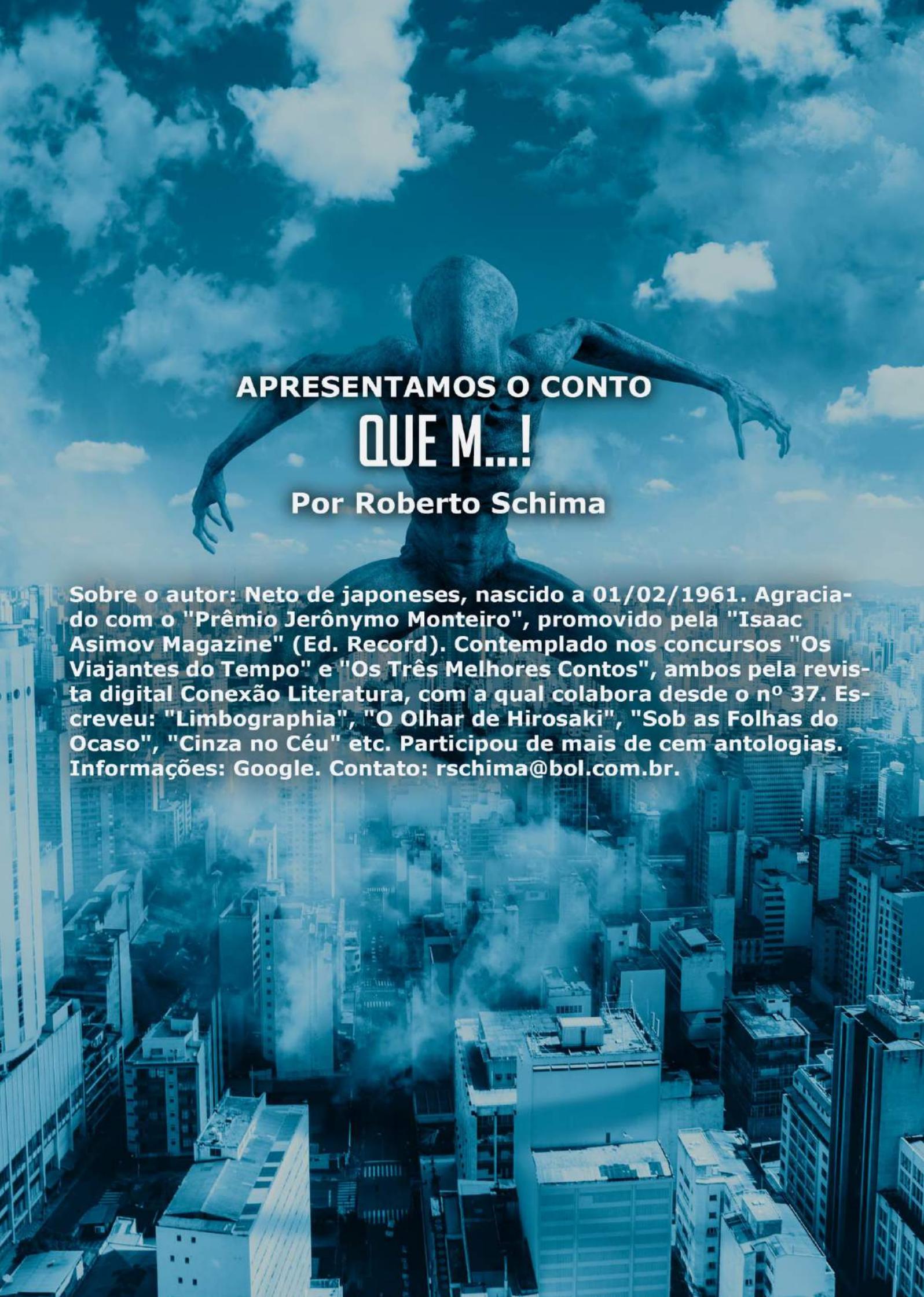
Dotados de total controle da situação e cada vez mais desenvolvidos, chegaram ao ponto de tomar vantagem com o caos surgido com a pandemia do covid-19.

Tiveram a tremenda visão em captar o que os levaria à vitória sobre o inimigo representado pelos humanos. Depois, tiveram a firmeza de levar a cabo essa estratégia, ao eliminar em primeiro lugar aos médicos e enfermeiros – facilmente identificados pelo cheiro. Em segundo lugar, perceberam outros inimigos, fabricantes de vacinas e de remédios. Também foram dizimados.

Dessa forma, a pobre humanidade chegou ao final de 2020 sem nenhuma vacina e com centenas de milhões de mortos pelo covid-19.

Em meados de 2020, a combinação formada pelos milhões e milhões de clones de tigres brancos e o vírus trouxe o final da espécie humana, da maneira mais inglória e surpreendente possível em relação às inúmeras previsões científicas ou vislumbres do cinema ou da literatura.





APRESENTAMOS O CONTO
QUE M...!

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de cem antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Dos anais da literatura trash emergiu a história.

De uma vil podridão sem qualquer limites.

Se tu estiveres almoçando, para de ler!

Se não estiveres, por que insistes?

Concedo-te um breve consolo:

"Anais" não é um plural.

Fostes aqui avisado.

Tolo és sem igual!

O tempo em que a humanidade, em pequeno número, vivia em cabanas de palha ou cavernas ficara para trás. Após o Renascimento, o progresso acelerara-se e, a partir da Revolução Industrial, disparara. Fábricas se multiplicaram. Os químicos trataram de desenvolver compostos que pudessem melhorar a qualidade de vida para todos. Uma das criações miraculosas foram os polímeros, que, mais tarde, infestariam o planeta com toneladas de plástico.

Aromatizantes.

Estabilizantes.

Conservantes.

Acidulantes.

O crescimento das cidades também trouxe a questão do que fazer com os resíduos por elas produzidos. Tanto o lixo doméstico e industrial como também os dejetos gerados por sua própria excreção. Sim, fezes, urina, vômito e escarro. Milhares, milhões de toneladas por dia. Teria alguém calculado com precisão tamanha produção? Em caso afirmativo, certamente teria se indagado o porquê do mundo não ter submergido em sua própria sujeira.

Os sistemas de esgoto surgiram para ocultar de nós nossa própria imundície. Foi como varrer a sujeira para debaixo do tapete. Muitos ignoravam a verdadeira rede do submundo a seus pés. Aqueles que sabiam, preferiam não pensar a respeito e viver num mar de rosas.

E foi naquela escuridão fétida, morna e pestilenta que tudo aconteceu.

Da infinita mistura de resíduos orgânicos, produtos de limpeza, lixo industrial, químico, doméstico, hospitalar, militar e sabia-se lá mais o quê, surgiu a vida. O sonho dos biólogos, embora em diferentes circunstâncias. A repugnante massa se aglutinou e passou a deslizar pelo esgoto como uma única criatura, absorvendo o lodo, o mofo, as algas, os excrementos, os cadáveres de animais, o vômito. Fezes constituía-se a maior parte de sua composição, porém, inúmeras moléculas complexas desenvolvidas artificialmente também faziam parte de sua natureza. Era uma gigantesca ameba opaca de "eca". Quanto a consciência, para o seu próprio bem, seria melhor que não a tivesse.

Suas primeiras vítimas constituíram-se de baratas e ratos que infestavam o lugar. Pobrezinhos! Foram alcançados, enojados, afogados, consumidos, tornaram-se parte da inenarrável gosma fedorenta. Ela cresceu e continuou a rastejar pelas trevas sem destino. Existia para se alimentar, feder e crescer.

E alimentava.

E crescia.

E fedia.

Eca!

Era feita do pior dos pesadelos tornado realidade. Quem na vida não conseguiu alcançar o sanitário a tempo, bem pode imaginar o horror dos pequenos animais, desde que multiplicado um bilhão de vezes.

Significava o fim do mundo.

Não se tratava de mera força de expressão.

Trazia um literal significado ao termo: "Tô na m...!"

Alzemiro era um grandalhão meio calvo e coberto de tatuagens obscenas. Trazia uma cicatriz no queixo herdada dos tempos de bebedeira. Meio que xingava, meio que se repreendia:

— Que m...!

Literalmente.

Trancado no banheiro, aguardava sentado no trono de louça fazia um tempo enorme. Uma veia de seu pescoço saltava. Gordas gotas de suor, das têmeoras porejavam.

— Que m...!

Rei do sórdido.

Monarca da flatulência.

Majestade da prisão de ventre.

Eram esses seus títulos. Era esse o seu problema, mais uma dúzia de mal hábitos alimentares que dificultavam a saída do "amoroso" de suas entranhas mais enoveladas do que as curvas da estrada de Santos. Não queria forçar demais, temendo ressuscitar as malditas hemorroidas. As calças manchadas numa tarde no metrô, bem como a ida ao proctologista foram eventos embaraçosos o suficiente para deitar por terra sua pose de machão. Ainda assim, insistia, nutria-se da ilusão. Quem poderia culpá-lo? Não lhe restava muito mais.

De súbito, sentiu um ventinho. Não vinha de dentro dele para fora, mas de fora, mais precisamente de dentro do vaso, vindo de baixo para cima. Em seguida, escutou a água borbulhar sem que tivesse expelido coisa alguma além de suas esperanças. Intrigado, não obstante a pança, abriu as pernas e olhou para baixo, no interior da penumbra de louça. Seus olhos se arregalaram feito uma corça assustada.

— Como...?

Para seu horror, viu aquela massa marrom esverdeada crescer, tão fedorenta que ele sufocou.

Ela se ejetou para o seu traseiro e lá grudou feito o pior dos chicletes. Agarrou-se as suas partes íntimas de maneira mais intensa do que nos tempos em que, criança, fazia troca-troca com Tião, o moleque mais graúdo da vizinhança. A dor foi tão atordoante quanto o fedor. Alzemiro quis gritar por socorro, mas a coisa já o estava dissolvendo, reduzindo-o a uma grande massa asquerosa, tornando-se parte dela, a qual continuou a transbordar da privada para o piso.

A esposa, tão delicada quanto ele, despertou de seu devaneio em relação ao vizinho. Cheirou a comida no fogão para ter certeza de que, aquilo que seu olfato dizia, não vinha de dentro das panelas. Certeza garantida, caminhou pela casa feito cão farejador até parar junto a porta do banheiro. Fez uma careta. Tampou o nariz com a mão direita e, tentando não respirar, bateu na porta com a outra. Gritou:

— Ei, Miro, cagô no mundo?!

Em resposta, só ouviu grunhidos engasgados, gemidos e um som de borbulhar.

Diante do fedor crescente, a mulher levou a mão à maçaneta e fez menção de entrar. Mais por instinto do que pela consciência de que, certamente, o companheiro trancara a porta por dentro. Esse mesmo instinto a fez recuar de puro horror ao perceber a gosma liquefeita sair por baixo da porta. Por pouco não tocou as pontas de seus sapatos. E, não bastasse tal visão grotesca, o choque que a atingiu, fazendo-a desmaiar e selar seu destino foi distinguir na nojenta massa as feições assombradas de Alzemiro.

A coisa hedionda vinda dos abismos mais profundos do submundo. A personificação pútrida das almas dos assassinos, dos gananciosos, dos corruptos, dos sádicos, dos degenerados, de todos os demais espíritos bestiais que habitaram e habitavam os continentes numa procissão de proscritos.

Condensada.

Aglutinada.

Agregada.

Faminta.

E a criatura ainda sem nome cresceu e cresceu. Em diferentes lugares: bueiros, casas, mansões, lojas, fábricas, quartéis, edifícios públicos, restaurantes. Por onde existissem aberturas, ela surgia. Não podia ser destruída. Seus fragmentos tornavam-se criaturas distintas, independentes, como as planárias. Contudo, os pedaços também podiam se unir, tornando-se algo maior, enorme, gigantesco.

Alguém de limitada sabedoria, mas infinita dose de sarcasmo, qual velha piada da hiena, riu e riu sem motivo e, em meio às gargalhadas, proclamou:

— O mundo tá na m...!

Havia alguma justiça poética — e nauseabunda — naquilo. No decorrer das gerações, a humanidade transformara a Terra numa caca, como se dessa caca não dependesse ou, pretensamente, fosse superior a ela. Agora, era consumida por seus próprios excrementos, tornando-se parte deles ou voltando a ser o que, no âmago, nunca deixara de ser. Da m... à m...

Navios e aviões espalharam-na.

Milhares, milhões e bilhões foram engolidos.

A coisa inominável adquiriu proporções continentais.

As forças armadas de várias nações tentaram combater a criatura através de armamentos convencionais. Descobriram da pior maneira possível que explosivos só contribuíam para disseminar o monstro, respingando-o aos milhares e esparramando a fedentina pelos quatro pontos cardeais. Um minúsculo fragmento na pele de um soldado era o bastante para que ele fosse infectado e absorvido numa questão de horas. Uma solução que se mostrou mais eficaz foi o fogo, porém, a intensidade e duração do calor deveria ser tal que solidificasse o material repugnante. Mas não se poderia incendiar cidades inteiras a fim de destruir aquilo que a própria humanidade criara. Ao menos em guerras virológicas, o país agressor podia infectar seu adversário já dispondo da vacina para si próprio. Podia fazer isso de forma camuflada, ceifar milhões de vidas, minar a economia do inimigo, vestir-se de benfeitor e lucrar com a venda de vacinas sem ao menos declarar guerra ou disparar um tiro sequer. Todavia, no caso da criatura de m... tanto um lado quanto o outro estava a mercê de sua asquerosa absorção.

— *Kuso!*

— *Merde!*

— *Holy shit!*

— *Ton dongori!*

— *Ağzına sıçarım!*

— *Pelotudo de mierda!*

— *Gay kocken offen yom!*

Inúmeros nomes foram criados para a coisa, geralmente um aumentativo do nome pejorativo para fezes nos mais diversos idiomas. Um jornal pudico batizou-o de Fedegoso, como se fosse algo fofinho.

Banheiros a moda antiga foram criados, meros buracos cavados no chão, assim como revitalizaram o uso de baldes e penicos. Tudo para que uma terrível surpresa não viesse, literalmente, pela retaguarda. Porém, outra questão surgiu: onde esvaziá-los? Isso era crucial principalmente para os residentes ou trabalhadores em edifícios. No crescente caos que se estabelecera, apelaram para o método da Idade Média. Assim, além da retaguarda, para os transeuntes, o céu representava também um perigo, como se não bastassem os pombos.

Penico.

Latrina.

Privada.

A raça humana, pouco a pouco, reduzida a nada.

Enfim, os últimos seres humanos vivos na Terra, viram-se diante daquele vasto, viscoso, nojento e malcheiroso oceano vivo de meleca. Sua própria criação. Seu legado. Seu filho.

O Fedegoso.

Encurralados, suas últimas e solenes palavras antes de serem engolidos vieram num coro:

— QUE M...!

O tempo em que a humanidade vivia sobre a Terra em grande número acabou. Não restaram cidades, vilas, cabanas ou cavernas. Não havia mais o progresso. Não havia fábricas. Os plásticos persistiram em meio à imundície. Os resíduos proliferaram. Lixo doméstico e industrial. Excrementos. Podridão. Trilhões de toneladas. Prosperaram, viveram, alçaram o topo da cadeia alimentar. A fedentina dominante. E o odor varrido pelos ventos cobriu todo o planeta a ponto de se fazer necessário uma derradeira mudança de nome.

Em vez do azul planeta Terra.

O mundo do Fedegoso.

O planeta M...

Do trash ao trash foi tudo o que daquele mundo restou.

Da presunção infinita, caca a humanidade virou.

Se enjoado ficaste, não foi por falta de aviso.

De minha parte, por isso, terás o sorriso.

Porque tua tolice sempre perduras.

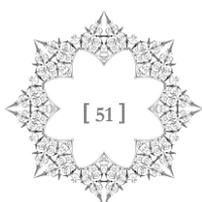
Até diante dessa vil aventura.

De uma nojeira sem igual.

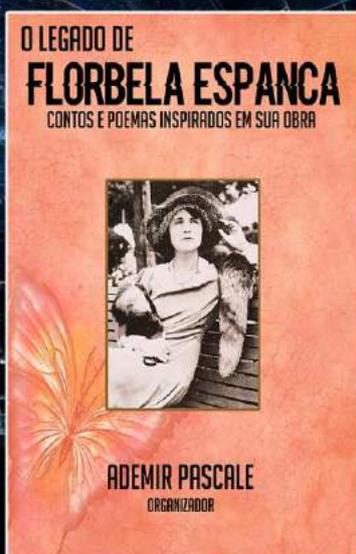
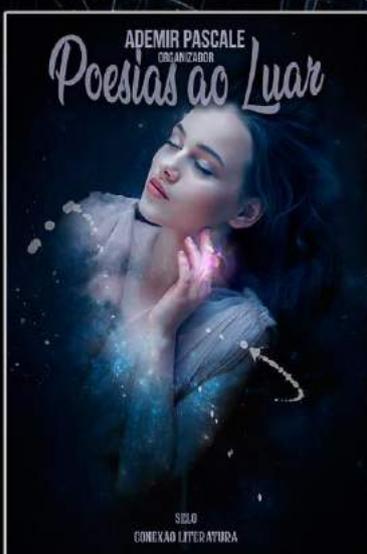
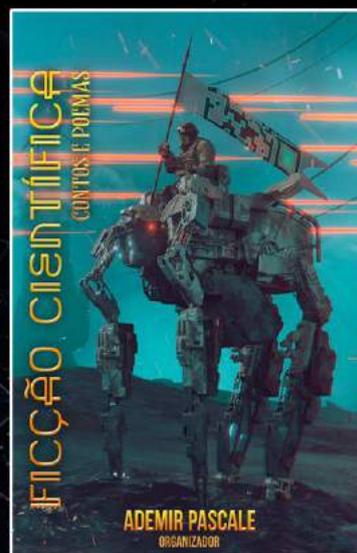
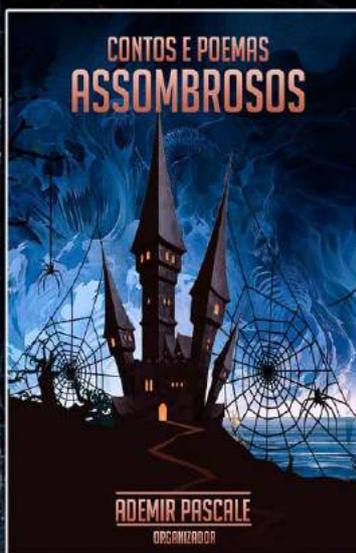
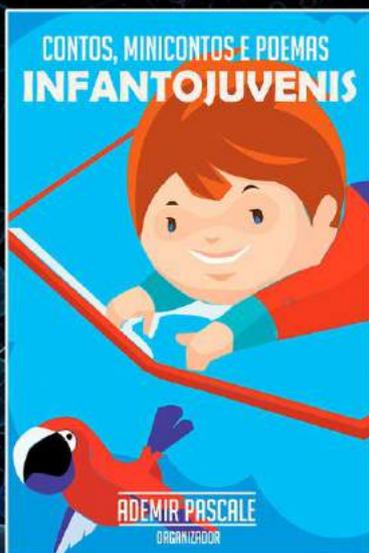
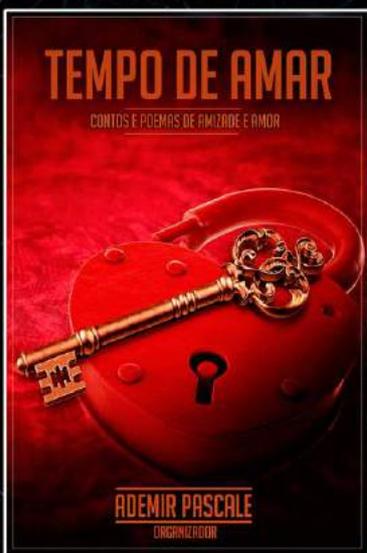
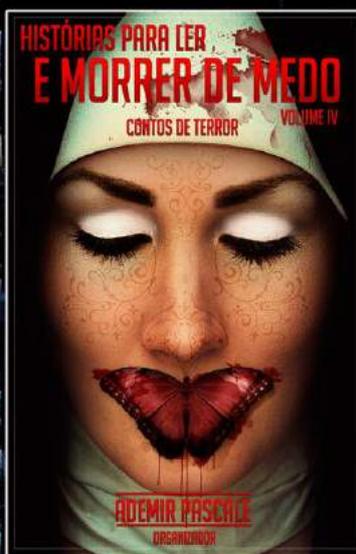
Eca, meleca etc. e tal!

NOTA DO AUTOR:

Não me perguntem de que recanto repulsivo eu fui desenterrar tal história. Eu não sei e reluto em vê-la publicada. Foi o que surgiu quando pensei em um conto *trash* do fim do mundo. Por certo teve a influência de filmes como "A Bolha Assassina" (*The Blob*, 1958), mas num horror elevado ao extremo. Para os misericordiosos que enxergaram na trama alguma crítica sarcástica em relação aos excessos da humanidade, meu alívio. Para os estômagos mais fracos que xingaram e se perguntarem como tal coisa pôde ser escrita, a advertência constava logo no início.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI